

# TEORIA DA COMUNICAÇÃO: INTERCULTURALIDADE, FILOSOFIA, LINGUAGEM E SOCIEDADE

---

Alberto Efendy Maldonado\*

**Resumo:** A teoria da comunicação é problematizada em termos de pesquisa teórica/epistemológica em diálogo com os pensamentos da filosofia analítica. (WITTGENSTEIN, PITKIN, HALLER). O artigo procura estabelecer relações entre pensamento, modos de vida, sentimentos e discurso numa perspectiva metodológico-crítica que contribua para a formulação de problemas teóricos em comunicação. A *práxis* filosófica está situada no mundo intercultural dos fluxos sociais contemporâneos; no respeito às alteridades epistêmicas numa confluência transformadora.

---

**Palavras-chave:** teoria; comunicação; pensamento; interculturalidade; sociedade.

**Abstract:** Communication theory is investigated in terms of theoretical / epistemological research while dialoguing with thoughts belonging to the analytical philosophy (Wittgenstein, Pitkin, Haller). This paper tries

---

\* Doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Pós-Doutor em Ciências da Comunicação pela UAB. Coordenador do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM (Unisinos/Capes/CNPq). Professor/Pesquisador no Programa de Doutorado e Mestrado em Comunicação (Unisinos). Editor da Revista Fronteiras/Estudos Midiáticos do PPGCC – Unisinos. Professor-Visitante em universidades da América Latina, Brasil e Europa. Consultor das revistas acadêmicas *Comunicação&Educação* (USP); *Cadernos de Pesquisa* (ESPM); *Communicare* (Cáster Libero) e *Ciberlegenda* (UFF). Pesquisador no Observatório e Grupo de Pesquisa MIGRACOM (UAB – Espanha). Coordenador do GT – Teoria da Comunicação INTERCOM, 1998-2000. Fundador do GT – Epistemologia da Comunicação COMPÓS 2000. Autor de textos de referência em teoria, metodologia, epistemologia e pesquisa midiática.

to establish some relations among thought, ways of living, feelings, and discourse in a critical methodological perspective that may contribute for the formulation of theoretical problems in communication. Philosophical praxis is located in the intercultural world of contemporary social flow; in the respect for epistemic alterity in a transforming confluence.

---

**Key words:** theory; communication; thought; intercultural; society.

## A COMPREENSÃO INTERCULTURAL

A problemática do conhecimento nas ciências sociais com relação a diferentes sociedades e contextos culturais apresenta um conjunto de questões e aspectos de singular interesse para a reflexão e o debate. Uma pergunta importante sobre isso é a seguinte: é possível, ou não, a compreensão intercultural? Os antropólogos, sociólogos, filósofos, lingüistas, etc. tomam posições divergentes conforme sua resposta, seja negativa ou positiva. De fato o logos ocidental hegemônico continua avaliando outros universos de discurso situando-se como o “único” universo verdadeiro.

Esse tipo de argumentação não permite o desenvolvimento de pensamentos questionadores dos *logocentrismos* europeus e estadunidenses, já que não considera as diferenças contextuais entre os discursos explicativos sobre sociedades diferentes (o *objeto real dinâmico* condiciona e participa na delimitação do *objeto de conhecimento*). É imprescindível fortalecer a compreensão de que essas diferenças geram percursos (construções lingüísticas) distintos para explicar e avaliar as sociedades em questão. Não existe um único discurso verdadeiro, há alternativas que dependem da realidade cultural na qual são construídas.

E aprofundando esse caráter de *diferença e unidade*, afirmamos, em concordância com as reflexões epistêmicas contemporâneas, que a “ciência existe num contexto cultural”; quem não conhece as *regras do jogo* nessa dimensão não será capaz de organizar um discurso de relevância histórica.

A possibilidade de *compreensão intercultural* é fundamentada na pesquisa histórica da produção científica que mostra que “existe algo parecido a uma comunidade de racionalidad, la cual seria compartida por todos los hombres”. (WINCH, 1970). Nessa linha de pensamento, vislumbra-se que a humanidade configurou, entre outras, uma “cultura mundial pluralista” (WINCH, 1970), que aprende da *experiência e especialmente dos erros*.

As pesquisas teóricas dos pesquisadores analíticos Wittgenstein (1988), Winch (1970), Pitkin (1984) e Habermas (1999) contribuem à sustentação de uma epistemologia crítica transformadora ao fundamentar a existência da possibilidade de um *conhecimento intercultural* mediante a sistematização de argumentos que tecem confluências além das diferenças que distinguem uma cultura de outra.

A história e a sociologia da ciência mostram a seu e a nosso favor, que existem similitudes epistêmicas de caráter mundial.

Na conjuntura intelectual contemporânea, no início do século XXI, observamos a intensificação dos *fluxos* culturais, tanto em termos de bens simbólicos quanto no deslocamento de dezenas de milhões de pessoas entre os vários continentes. Considerando isso e em interlocução com as propostas analíticas, podemos e experimentamos a existência de reformulações significativas na produção científica em ciências sociais e comunicação.

Só o choque de outras perspectivas e outros ordenamentos teóricos tem permitido pensar cientificamente as sociedades, superando ortodoxias e modas etnocêntricas. O impacto supõe uma miscigenação e, por conseguinte, a presença de modos discursivos e compreensões de outra cultura presentes na nossa. O isolamento e o “purismo cultural” são pouco prováveis num mundo em crescente inter-relação.

Supor, *a priori*, a própria sociedade (uma configuração social determinada) como instrumento de medida e referente de correção, é um enunciado que contém uma forte carga etnocêntrica. Perguntemo-nos, por exemplo, como “corrigir” crenças ou costumes de vida diferentes, que simplesmente não têm parâmetros de comparação porque seu desenvolvimento histórico-cultural-ecológico é outro. Essas “correções” interculturais supõem que há um referente correto. Será uma pretensão pertinente pretender disciplinar num formato, modelo ou matriz lógica, conteúdos relevantes produzidos em outras configurações histórico-culturais? Pensemos em como comparar e corrigir “erros” entre o pensamento científico *maia* e o pensamento científico *grego*. Nesse sentido, é importante a observação de Wittgenstein (1988) com respeito aos pensadores ocidentais: eles não compreendem a magia de outros povos; muitas vezes captam a maioria das regras dos jogos de outras culturas, porém não conseguem compreender o *espírito* do jogo, a essência vital, lúdica, filosófica, agonística, epopéica e dramática desses jogos.

É importante pensar que as formas de vida, os discursos e as linguagens não são simplesmente construções racionais que se resolvem mediante a compreensão de sua estrutura formal interna. Wittgenstein propõe a seguinte reflexão em relação a essa falência formalista:

544. Quando a saudade fala de dentro de mim “Ah, se ele viesse!”, o sentimento confere “significado” às palavras. Mas ele confere às palavras isoladas os seus significados? Poder-se-ia, no entanto, dizer também, o sentimento confere *verdade* às palavras. E você vê como os conceitos aqui fluem um no outro. (WITTGENSTEIN, 1994, p. 197).

## AS “FORMAS DE VIDA” NÃO SÃO “DADAS”

A importância que tem o conceito de *formas de vida* para a concepção wittgensteniana da linguagem e para a reflexão nas ciências sociais e comunicação oferece caminhos de produção teórica instigantes:

Wittgenstein formulou o seguinte enunciado: “[...] imaginar uma linguagem significa imaginar uma forma de vida [...]”. E ele não construiu uma definição nítida do que são as *formas de vida* ou os jogos de linguagem, porque um tipo de formalização nessa ótica seria redutora da multidimensionalidade de combinações possível:

71. Pode-se dizer que o conceito “jogo” é um conceito de contornos imprecisos. – “Mas um conceito impreciso é, por acaso, um *conceito*?” – Uma fotografia desfocada é, por acaso, o retrato de uma pessoa? Bem, pode-se substituir sempre com vantagem um retrato desfocado por um nítido? Frequentes vezes não é o retrato desfocado precisamente aquilo de que mais precisamos?<sup>1</sup> (WITTGENSTEIN, 1994, p. 54).

Wittgenstein enfrenta, assim, a tendência a reduzir as formas lógicas e a racionalidade ao âmbito da lógica axiomática. As definições aristotélicas nas ciências sociais, quando trabalhadas como “verdades absolutas”, confundem percursos, e seus intentos de formalização teóricos produziram propostas retóricas sofisticadas de profundo sentido etnocêntrico.

As linguagens têm diferentes racionalidades, suas lógicas são de distintos tipos, mas a complexidade não só se dá nas diferenças, também se dá na combinação, já que na realidade as regiões são constituídas por uma combinação de regiões. A definição das fronteiras entre essas regiões depende com frequência da perspectiva com a qual é assumida a pesquisa.

Essa característica de *forma nevoada* permite às *formas de vida*, aos jogos de linguagem, e a outras *formas não-axiomáticas* (não-formais), ter sua própria racionalidade. As *inconsistências* e os *paradoxos* são aspectos essenciais de sua configuração; as classificações totalizantes não têm possibilidade de montagem, já que resultariam num despropósito nada criativo.

As *formas de vida* são um resultado histórico sociocultural; portanto, não são concessões de um poder absoluto, nem produtos naturais. São fabricações culturais tipicamente humanas em movimento e transformação. Na pesquisa teórica comunicacional e social, questionar os “saberes dados, completos, totais” é uma postura básica e crucial da geração de conhecimento substantivo e vivo.

<sup>1</sup> “71. Puede decirse que el concepto de ‘juego’ es un concepto de bordes borrosos. Pero es un concepto borroso en absoluto un concepto?. Es una fotografía difusa en absoluto una figura de una persona? Sí; puede siempre reemplazarse con ventaja una figura difusa por una nítida? No es a menudo la difusa la que justamente necesitamos?” (WITTGENSTEIN, 1988).

As formações histórico-sociais são produzidas por múltiplas configurações complexas; suas possibilidades de combinação, seleção, segregação, coerência, consistência, inconsistência, incoerência, etc. não podem ser quantificadas ou definidas *nitidamente*. As alternativas, variações e definições, num jogo de xadrez, futebol, tênis, basquete, etc., são múltiplas. As possibilidades de construção de um discurso em qualquer linguagem natural são, também, incomensuráveis. A capacidade criativa, o desenvolvimento de estilos de composição, a simplicidade, a beleza, a estética de uma linguagem não podem ser medidos por quantidades aritméticas ou por estatísticas simples.

Para a clareza numa reflexão teórico/metodológica não se necessita de definições *totalizantes*, necessita-se sim de uma perspectiva geral esclarecedora dos casos mais importantes. Em palavras de Wittgenstein (1998): “Nossa gramática tem uma falta de visão sinóptica. A representação sinóptica produz a compreensão que consiste em ver conexões. Daí a importância de encontrar e de inventar casos intermediários.”

Essa *visão sinóptica* torna possível aprofundar e ampliar nossas potencialidades criativas; esses jogos construídos e não dados são formas fundamentais e básicas de auto-expressão criativa. Nosso pensamento, nossas intuições científicas, nossa qualidade estética realizam-se através desses múltiplos jogos sociais que configuram nossa interpretação do mundo, nossa visão de mundo, nossos compromissos éticos e nossas ações concretas.

Essencialmente somos uma espécie que adquire capacidades, somos “animais logos”, “animais lúdicos”, “animais construtores” que recebemos um condicionamento genético aberto e muita potencialidade para fabricar. Biologicamente, esse paradoxo de debilidade e força define nossa essência: uma contínua tendência para criar, mudar, comunicar e despertar curiosidade.

## UMA VISÃO ABERTA E HISTÓRICA DA CIÊNCIA

O empirismo lógico, em especial o *Círculo de Viena*, trabalhou a hipótese da *unidimensionalidade* metodológica de todas as ciências; e o suposto de que era fatível construir uma linguagem científica única, na qual podiam expressar-se todas as linguagens científicas. Essa tentativa fracassou porque os argumentos centrais e as premissas sobre o que é a linguagem tinham uma visão geral, de conjunto, formalista; que, apesar de todo o esforço e inteligência utilizados, não conseguiram formalizar o seu modelo e demonstraram os limites da lógica axiomática e das alternativas formalistas para estruturar problemáticas sociais e comunicacionais.

É importante lembrar que foi “Neurath – se pudermos acreditar em Carnap – quem repetidamente apontou o fato de que mesmo a linguagem é ela própria um fenômeno que está dentro do mundo, ao invés de algo que o influencia de fora.” (HALLER,

1990, p. 28). Isso significa que o *dado* e o *a priori* como *fundamentos* filosóficos para explicar a linguagem foram seriamente questionados. Haller, no seu livro *Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões*, traz reflexões importantes sobre esse aspecto teórico:

Realmente, desde 1908, ele defendeu uma forte argumentação duhemiana em favor de uma visão holística e histórica de ciência [...]. Os pontos centrais em que Neurath seguiu o passado de Duhem foram, primeiro, que mais de um sistema autoconsistente de hipóteses pode satisfazer um dado conjunto de fatos e, segundo, que qualquer teste de uma teoria refere-se a uma rede completa de conceitos e não a conceitos que possam ser isolados. (1990, p. 28).

Haller, aprofundando o raciocínio, continua:

Eu apelidei o “princípio de Neurath”. Este princípio é certamente derivado de Duhem e diz: se aceitamos uma visão holística das teorias, então estamos sempre na feliz posição de ter duas opções com referência a uma proposição, que não está coerente com o sistema total: podemos mudar ambos, ou a proposição que gostaríamos que fosse coerente com o sistema, ou o sistema. (1990, p. 50).

Vários sistemas autoconsistentes de hipóteses podem ser válidos para explicar e fundamentar um conjunto de fatos. Isso significa que a construção de uma “teoria única”, totalizante e excludente, é uma aspiração absurda; dado que em outro momento, ou simultaneamente, aparecerá um sistema diferente que será coerente e consistente com os fatos e explicará essa área de conhecimento de maneira forte, bela e penetrante.

Essa visão aberta e confluyente das teorias nega a possibilidade de trabalhar com hipóteses ou conceitos isolados. As demonstrações, refutações, fundamentações e aprofundamentos metodológicos têm que ser trabalhados como tecidos. O conjunto de relações e combinações entre eles (conceitos, hipóteses) permite configurar teorias que apresentam uma beleza abrangente.

Por outro lado, uma concepção aberta, histórica, crítica da ciência amplia as opções ou alternativas de compreensão. Ao não acreditar numa *única explicação*, o percurso metodológico pode mudar o sistema, mudar a hipótese ou mudar ambos. Uma crise gnosiológica, trabalhando com essa perspectiva, provocaria uma variação de orientação e não o *fim* das possibilidades de conhecimento.

A formação de esquemas interpretativos sinópticos/amplos para estruturar as problemáticas teóricas, ou suas ocorrências no tempo, a partir de uma perspectiva aberta/produtiva, torna possível realizar múltiplas construções e, também, configurar quadros de análise sistemáticos seguindo diferentes percursos teóricos.

Essa amplitude, liberdade e coerência são contrárias aos “esquemas totalizantes” que se propõem uma *interpretação acabada* sobre o universo. Uma opção aberta fecunda as alternativas metodológicas e fortalece uma compreensão aprofundada das relações entre problemas teóricos específicos e questões epistemológicas gerais.

## A PRAGMÁTICA DE WITTGENSTEIN

É importante salientar que Wittgenstein, nas suas investigações filosóficas da maturidade, não pretendeu estruturar um quadro de categorias; no seu raciocínio é preciso optar por uma análise que considere a multiplicidade das formas de construção das afirmações (percurso multidimensional). Essa variedade é tomada como base de explicação, e as condições da experiência são concebidas como uma alternativa entre múltiplas. (WITTGENSTEIN, 1994, p. 294).

A necessidade lógica – *a priori* – de Kant está longe da inspiração de Wittgenstein. Na sua perspectiva pragmática, a atividade, a ação, as práticas, os costumes, as repetições, as normalizações e as regularizações dessas atividades – e fundamentalmente dessas práticas – são a base da cognição.

Sua pragmática não se restringe ao empirismo abstrato; ela aprofunda, também, a dimensão psicológica e insere na sua reflexão os aspectos emotivos e espirituais que intervêm na compreensão. Lembremos a reflexão de Wittgenstein, no parágrafo 544 das *Investigações filosóficas*. “[...] o sentimento confere ‘significado às palavras [...]’ o sentimento... confere verdade às palavras [...]”. (1994, p. 197).

A cognição e a compreensão, nessa perspectiva, não são as conseqüências de processos lógicos formais (existentes numa *coisa em si: a priori*); são, sim, o produto de uma atividade humana sociocultural que inclui aspectos sociais, culturais, psicológicos e intelectuais de caráter complexo e amplo. Portanto, o conhecimento não é uma ação racionalista *acabada*, mas uma forma de vida que tem como uma de suas expressões centrais a linguagem.

## A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM

Para Wittgenstein, o trabalho filosófico é **crítica da linguagem**; nas *Investigações filosóficas*, essa compreensão de filosofia está presente, e é a definição de *reflexão* que o autor adota para desenvolver seus argumentos. Porém, essa postura crítica da linguagem teve suas fases e mudanças: num primeiro momento Wittgenstein acreditava na possibilidade de construir uma “linguagem de signos ideal”, que seria uma expressão lógica e filosófica superior, capaz de evitar os erros da linguagem articulada. O intenso esforço para realizar essa tarefa e o fracasso para conseguir esse objetivo levaram Wittgenstein a formular suas *Investigações filosóficas*, nas quais expõe os seus resultados da pesquisa teórica realizada no percurso da própria vida; nesse livro sistematiza os raciocínios sobre suas novas teses com relação à *linguagem: jogo, atividade, forma de vida, ação, lógica diferente da linguagem matemática*. São alguns aspectos que aprofunda e constrói como componentes configuradores da sua compreensão filosófica/comunicacional. São a

vida social e o sentimento/espírito profundo da espécie humana que entram na sua argumentação; os sistemas de regras, as normas e os nexos estruturais são concebidos numa confluência antropológica transcendente. Na teoria de Wittgenstein, na sua pragmática comunicacional, incluem-se também o *contexto*, as *circunstâncias*, as *situações*, os *interlocutores*, a *historicidade* e a *cultura* como elementos substanciais na compreensão do que é a linguagem, quebrando, assim, as concepções *racionalistas*, *formalistas* e ortodoxas da filosofia da linguagem.

Quem fala?, para quem fala?, em que situação fala?, com que emoção fala?, em que meio ambiente fala? É um conjunto de elementos que Wittgenstein sistematizou e trabalhou com singular aprofundamento e beleza.

Em termos epistemológicos, Haller sublinha algumas proposições relevantes de Wittgenstein para o pensar filosófico em comunicação:

A filosofia não é um conjunto de doutrinas, mas uma atividade; que os resultados filosóficos não são encontrados em “proposições filosóficas”, mas no esclarecimento de proposições; que a filosofia não é uma ciência natural e que não se comporta hipotético-empiricamente; essas crenças, já concebidas no *Tractatus*, não só permanecem isentas de autocritica, mas são também repetidas na fase posterior, em variações diferentes. (1990, p. 78-79).

A relação entre linguagem e pensamento é abordada por Wittgenstein como interconexão profunda, e, simultaneamente, como diferença substancial. Na sua análise, ele critica o que se denota como a “concepção agostiniana” de linguagem, que foi paradigmática durante quase dois milênios.

32. Acredito que podemos dizer então: Santo Agostinho descreve a aprendizagem da linguagem humana como uma criança que chegasse a um país estrangeiro e não entendesse a língua do país; isto é: como se ela já tivesse uma língua, só que não esta. Ou também como se a criança já fosse capaz de *pensar* mas não ainda de falar. E “pensar” significaria aqui algo como: falar para si mesmo. (1994, p. 32).<sup>2</sup>

A premissa agostiniana que supõe a linguagem como *dada* na mente humana é criticada mediante uma analogia esclarecedora (os supostos do sábio africano são submetidos à análise e refutação com uma argumentação contundente): “A denominação não é ainda nenhum lance no jogo de linguagem – tão pouco quando a colocação de uma peça de xadrez é um lance no jogo de xadrez.” (WITTGENSTEIN, 1994, p. 42).<sup>3</sup>

<sup>2</sup> “Y ahora podemos, creo yo, decir: Agustín describe el aprendizaje del lenguaje humano como si el niño llegase a un país extraño y no entendiese el lenguaje del país; esto es como si ya tuviese un lenguaje, sólo que no ese. O también: como si el niño ya pudiera pensar, sólo que no todavía hablar. Y ‘pensar’ quería decir aquí algo como: hablar consigo mismo.” (WITTGENSTEIN, 1994).

<sup>3</sup> “Nomear não é ainda em absoluto uma jogada no jogo da linguagem como tampouco colocar uma peça de xadrez é uma jogada no xadrez.” (WITTGENSTEIN, 1994).

Pensar e falar são questões diferentes já que a “512. A linguagem verbal admite combinações de palavras sem sentido”. (WITTGENSTEIN, 1994, p. 189). Para que uma frase tenha sentido, não é suficiente dizê-la, é preciso também poder pensá-la. Essa distinção em comunicação é crucial: produzimos e emitimos milhões de mensagens cotidianamente; afirmamos o caráter pedagógico de um conjunto considerável da produção midiática; debatemos sobre os *campos de efeitos de sentido* gerados pelas inter-relações *mídia/públicos*, porém pouco nos preocupamos em refletir e estruturar estratégias e produções que articulem sistemas de significação e pensamento suscitador. Por que o *entretenimento* está em muito reduzido a rituais de preguiça mental. No campo teórico em comunicação, temos inúmeros exemplos de retórica voluptuosa sem sentido, palavras juntadas em formas atrativas ou impressionantes, muitas vezes retalhos tecidos com habilidade de fragmentos teóricos que não se vinculam com os processos reais sociopolíticos dos contextos nos quais produzimos o pensamento teórico. Pensamento, fala e intenções são elementos profundamente ligados e, também essencialmente diferentes:

A intenção *com a qual* se age não “acompanha” a ação, tão pouco quanto o pensamento “acompanha” a fala. Pensamento e intenção não são nem “articulados” nem “inarticulados”, não podem ser comparados nem com um som isolado que se faz ouvir ao agir ou falar, nem com uma melodia. “Falar” (com som ou em silêncio) e “pensar” não são conceitos idênticos; mesmo que na mais estreita conexão. (WITTGENSTEIN, 1994, p. 281).<sup>4</sup>

A linguagem é fundamental para o entendimento, mas não é o entendimento. Os propósitos ajudam-nos a explicar os discursos, mas não são os discursos. E a compreensão e a veracidade das expressões não é possível demonstrá-las mediante procedimentos lógicos.

## A CAPACIDADE INTERPRETATIVA

Os tecidos de objetos, fenômenos, conceitos, palavras ou hipóteses não são *estruturas acabadas* nessa caminhada que compartilhamos com Wittgenstein. Toda caracterização ou definição são interpretações, são um ponto de vista, um olhar, uma perspectiva determinada.

.....  
<sup>4</sup> “El propósito con el cual se actúa no ‘acompana’ a la acción, como tampoco el pensamiento ‘acompana’ al discurso. El pensamiento y el propósito no están ‘articulados’ ni ‘inarticulados’, no se pueden comparar ni a un sonido aislado, que sonara durante la actuación o el discurso, ni a una melodia.” “Hablar” (ya sea en alta voz o en silencio) y ‘pensar’ no son conceptos equiparables; si bien están en íntima conexión.” (WITTGENSTEIN, 1994).

Quando uma teoria, ou um corpo de conceitos não pode explicar uma questão é necessário procurar outra dimensão. Ele utiliza nas *Investigações* os exemplos da “cabeça pato-coelho”, da “cruz preta-branca”, da figura triangular, dos números imaginários. Nesses exemplos, Wittgenstein (1994, p. 255-270) mostra que um mesmo objeto tem múltiplas (ou pelo menos várias) faces ou aspectos que o caracterizam. Depende da perspectiva que tenha o pensador para estudá-lo e observá-lo.

Para aprofundar e ampliar a compreensão de algo, precisa-se desenvolver uma **capacidade imaginativa** que seja capaz de encontrar o maior número de faces de um objeto, ou a maior quantidade de fatores de uma problemática.

O recurso epistêmico de **mudança de dimensões** é um elemento central na possibilidade metodológica para sair de inconsistências reiteradas. Quando não encontramos caminhos de resolução num tecido ou conjunto de hipóteses e conceitos, é possível mudar a hipótese, mudar o conjunto, ou ambos. Em certos contextos de pensamento, em especial os lineares, é impossível adiantar a compreensão de novas complexidades.

Como formula o pensamento wittgensteniano, para sair de um estado de confusões não precisamos de regras, ou definições, mas de uma **perspectiva clara e abrangente dos casos relevantes**. É necessário desenvolver a **capacidade de projeção** de nossos **conceitos** indo para o **espírito profundo** das problemáticas; e esta capacidade está **profundamente ligada** com a **potencialidade de imaginação** que alcancemos.

Assim como os jogos de linguagem são tremendamente variados, também os percursos de reflexão e pesquisa são múltiplos. Não existe, nem pode existir um *método acabado* que resolva todos os nossos problemas. A realidade tem múltiplas determinações, suas faces são inumeráveis; as combinações de conceitos para explicá-la e as redes interpretativas que se podem construir atingem somente uma parte dos “infinitos” conjuntos e sistemas que tentamos explicar. Em face de tão difícil situação, Hanna Pitkin – numa perspectiva wittgensteniana – dá a seguinte saída esclarecedora:

La pregunta básica conceptual respecto de la relación entre las palabras y el mundo no admite una única respuesta consistente; pero puede ser reemplazada por todo un conjunto variado de preguntas más específicas que tienen respuestas consistentes y que son ilustradora. (1984, p. 172).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> “A pergunta básica conceitual com respeito à relação entre as palavras e o mundo não admite uma única resposta consistente, mas pode ser substituída por todo um conjunto variado de perguntas mais específicas que têm respostas consistentes e que são ilustradoras.” (Tradução livre do autor deste artigo.)

O avanço na compreensão requer uma “visão sinóptica” – em palavras de Wittgenstein – que seja capaz de estabelecer relações entre as questões importantes de uma problemática. Nas problematizações teóricas em comunicação, os objetos demandam a organização de componentes (idéias, argumentos, raciocínios, noções, hipóteses e tecidos conceituais) em termos da necessidade do objeto. Esses construtos teóricos “saem” do objeto, no sentido que a sua existência concreta delimita e condiciona nossas abstrações e flui no mundo da vida no sentido que os pensamentos gerados a partir da sua problematização e produção transcendem o *objeto particular* mostrando nexos, aspectos e qualidades que são comuns a conjuntos de problemas.

Para abordar um problema com profundidade, precisa-se de um *alto grau de humildade*, já que é necessário partir do entendimento das limitações epistêmicas. Isso não supõe uma atitude de fraqueza ou conservadorismo em relação à pesquisa. A *humildade*, para ser criativa, combina-se com a certeza da importância do trabalho rigoroso, e com a paixão por construir algo relevante.

## A COMPREENSÃO NÃO É UM PROCESSO MENTAL

O *tempo da compreensão* é distinto do tempo cronológico, histórico. Tampouco é simplesmente o *tempo lógico* formal. A compreensão não pode ser definida como um processo porque ela não é resultado de fases compreensivas através das quais (linearmente) se alcança o objetivo de compreender. Wittgenstein aconselha:

Tente uma vez não pensar na compreensão como “processo psíquico”! – É que *este* é o modo de falar que o confunde. Mas pergunte-se: em que caso, em que circunstâncias, dizemos “agora sei continuar”? quero dizer, quando a fórmula me ocorreu. No sentido em que há para a compreensão processos característicos (também processos psíquicos), a compreensão não é um processo psíquico. (Diminuir e aumentar uma sensação de dor, ouvir uma melodia, ouvir uma frase: processos psíquicos.). (1994, p. 88).<sup>6</sup>

Essa é uma questão epistemológica e metodológica interessantíssima: para alcançar a compreensão, intervêm vários tipos de processos lógico, psíquico, social, cultural, institucional, histórico, e da comunidade científica. Porém, a compreen-

.....  
<sup>6</sup> “No pienses ni una sola vez en la comprensión como um ‘proceso mental’. Pues ésa es la manera de hablar que te confunde. Pregúntate en cambio: en qué tipo de caso, bajo qué circunstancias, decimos <<Ahora sé seguir>>?, quiero decir, cuando se me ha ocurrido la fórmula. - En el sentido en que hay procesos (incluso procesos mentales) característicos de la comprensión, la comprensión no es un proceso mental. (La disminución y aumento de una sensación dolorosa, la audición de una melodia, de una oración: procesos mentales).” (WITTGENSTEIN, 1988).

são em si não é um processo; ela se dá num momento singular no qual o domínio de uma problemática se expressa na capacidade de exposição de um discurso consistente sobre o assunto.

O percurso metodológico, efetivo, para refletir a compreensão, seguindo Wittgenstein, deve ser trabalhado a partir de uma pergunta-chave: “Se algo tem que estar ‘atrás da articulação da fórmula’, trata-se então de *certas circunstâncias* que me justificam dizer que sou capaz de continuar, caso a fórmula me ocorra.” (1994, p. 88).<sup>7</sup>

Voltamos desse modo a ter uma “perspectiva clara dos casos relevantes”, e também a refletir sobre as condições históricas nas quais esse conhecimento foi alcançado.

## REFERÊNCIAS

- HALLER, Rudolf. *Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões*. São Paulo: Edusp, 1990.
- WINCH, Peter. *A idéia de uma ciência social e sua relação com a filosofia*. São Paulo: Nacional, 1970.
- MALDONADO, A. Efendy. *Teorias da comunicação na América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- PITKIN, Hanna. *Wittgenstein: el lenguaje, la política y la justicia*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1984.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Investigaciones filosóficas*. Barcelona: Crítica; México: Instituto de Investigaciones Filosóficas Unam, 1988.

## Referências de fundamentação

- ADORNO, Theodor W. Experiências científicas nos Estados Unidos. In: *Consignas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.
- AREND, Hannah. *Origens do totalitarismo/anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BACHELARD, Gastón. *Epistemologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.
- BEN-DAVID, Joseph. *O papel do cientista na sociedade*. São Paulo: Pioneira, 1974.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser e a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1985.

<sup>7</sup> “En qué tipo de caso, bajo que circunstancias, decimos <<Ahora sé seguir>>?, quiero decir, cuando se me ha ocurrido la fórmula.” (31 WITTGENSTEIN, 1988).

- BOURBAKI, Nicolas. *Elementos de historia de las matemáticas* 2. ed. Madrid: Alianza, 1986.
- BRITTON, Jack R.; BELLO, Ignacio. *Matemáticas contemporáneas* 2. ed. México: Harla, 1982.
- BRONOWSKI, Jacob. *O senso comum da ciência*. São Paulo: Itaitaia, 1977.
- BUNGE, Mario. *Epistemologia*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.
- CARRILHO, Manuel Maria et al. *Retórica e comunicação*. Porto: Edições Asa, 1994.
- CASIRRIER, Ernest. *El problema del conocimiento*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- GORTARI, Eli de. *Siete ensayos sobre la ciencia moderna*. México: Grijalbo, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Lógica General*. México: Grijalbo, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Introducción a la lógica dialéctica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1999.
- HARRÉ, R. (Org.). *Problemas da revolução científica*. São Paulo: Itaitaia, 1976.
- KNELLER, George F. *A ciência como atividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- PITKIN, Hanna. *Wittgenstein: el lenguaje, la política y la justicia*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1984.
- POPPER, Karl. A racionalidade das revoluções científicas. In: HARRÉ, R. (Org.). *Problemas da revolução científica*. São Paulo: Itaitaia, 1976.
- WALLERSTEIN, Immanuel; PRIGOGINE, Peter J. Taylor et. al. *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.
- WICH, Peter. *A idéia de uma ciência social e sua relação com a filosofia*. São Paulo: Nacional, 1970.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Investigaciones filosóficas*. Barcelona: Crítica, 1988.